



## Nietzsche asceta

SOUSA, Mauro Araujo de. **Nietzsche asceta**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2009. (Nietzsche em perspectiva).

### Silvestre Grzibowski

Doutor em Filosofia, professor do curso de Licenciatura em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: silboski@yahoo.com.br

---

O livro que foi publicado recentemente e que aqui apresentamos, *Nietzsche asceta* de Mauro Araujo de Sousa, é o resultado da tese doutoral do autor, que tem como principal escopo proporcionar uma nova perspectiva de compreensão da ascese em Nietzsche. Para isso, o pesquisador fundamenta-se principalmente na obra *Para a genealogia da moral* e em escritos do chamado terceiro período da produção filosófica de Nietzsche.

A obra está estruturada em três capítulos, todos relacionados com o filósofo alemão e a ascese. Inicialmente, o título do estudo chama a atenção porque, habitualmente, a ascese se relaciona com o exercício espiritual. No entanto, o leitor deve estar atento já na introdução, na qual o autor versa sobre a fundamentação etimológica; ele parte da ascese grega, que etimologicamente significa “exercício”, “esforço” para atingir um fim. Nietzsche compara a vida de um asceta à de um soldado que se prepara para ir à guerra, o que exige preparação diária, tanto física quanto espiritual, sendo esse o fio condutor que norteia toda a obra. Por outro lado, Sousa

empreende a crítica que Nietzsche fez ao conceito religioso de ascese, que privilegiou somente o exercício do espírito, dessa forma acabando por arrastar consigo a ciência e a filosofia. Tanto a religião quanto a ciência e a filosofia creditam-se portadoras da *verdade*, pois têm na *verdade* a referência de seu ideal e é justamente nisso que o filósofo alemão concentra seu esforço de crítica: primeiro, por deixar de lado a parte imanente da vida, uma vez que o desprezo do corpo pelo asceta é inconcebível por Nietzsche; segundo, por darem crédito a uma suposta *verdade* transcendente.

Conforme assinalamos no parágrafo anterior, o asceta ou o termo “ascese”, para Nietzsche, vem da Grécia. Sendo assim, o verdadeiro asceta precisa ter disciplina e autossuperação para crescer humanamente e, contudo, ascender como ser vivo que sente intensamente a vida. Nesse sentido, o homem é um campo de batalhas, sobretudo pela “teoria de forças” que o filósofo criou. O homem é uma complexidade de forças, instintos e afetos que devem ser reorientados, por isso a importância da disciplina. Essa teoria de forças parte da noção de mundo como vontade de poder, pois não há um transcendente que deseja impor sua vontade, mas tão somente o homem que deseja. O poder no mundo está na energia que emana dele mesmo, proporcionando os vários tipos de valores para as mais diversas culturas, o que Nietzsche chama de “devir” ou o “dionisíaco”. Esses valores provocam uma tensão no mundo que exige do homem um sentido para aquilo que ele faz, e é nesse momento que a maioria dos homens se volta para o ideal ascético. Nietzsche considera isso como colocar sentido no nada, no vácuo, pois mesmo que não exista nada o vácuo proporciona um sentido para a vida do homem.

No primeiro capítulo, “Nietzsche: um asceta diferente”, o autor se fundamenta de modo especial na “III dissertação” da *Genealogia da moral*, abordando o que é o ideal ascético segundo Nietzsche. Com efeito, o homem, como um animal teleológico que precisa de objetivos, faz de tudo para obter um fim, ainda que para tal tenha que desejar o nada. E isso provoca a morte em muitos (falta-lhes sentido para viver) ao perceberem que a base de suas esperanças não existe.

O ideal metafísico é uma doença criada pela fragilidade humana que, à primeira vista, parece ser uma grande saúde, o que acarreta que muitos prefiram a outra vida (ideal) à imanente (física). E nisso há um valor, segundo Nietzsche, pois o homem é capaz de dar um sentido diante do nada, sendo preferível esse ideal ascético à morte. No entanto, é melhor desfrutar da

vida imanente, já que a oportunidade perdida não volta atrás. Deve-se viver intensamente, sentir, amar, aproveitar a vida. Com efeito, Nietzsche ataca duas frentes: o “querer o nada” (ideal ascético) e o “não querer” (falta de um sentido), concentrando-se sobretudo na crítica à metafísica, porque esta concebe outro mundo. O filósofo não defende a extinção dos instintos humanos, conforme propõe a religião, ele acredita na “espiritualização” de tais instintos, ou seja, em discipliná-los e exercitá-los para que não venham a anarquizar e tampouco colocar em risco a vida do homem. Na verdade, sumariamente, o autor no primeiro capítulo demonstra como a ascese é ou pode ser um instrumento de força para o homem.

Assim, adentramos para o segundo capítulo, que tem o seguinte título: “Ascese: instrumento da vontade de poder”. Nesse trecho, o autor detém-se primeiramente sobre a teoria de forças nietzscheanas, para num segundo momento trabalhar a ascese como um instrumento de vontade de poder do homem. Para entender a teoria de forças, o pesquisador nietzscheano propõe o seguinte raciocínio: para Nietzsche, uma força não pode deixar de se relacionar com outra porque isso é próprio dela. Sendo assim, não há força isolada e todos os seus esforços se dão na relação com outra força. Em sentido prático, o próprio relacionamento humano torna-se exercício de ascese, pois há uma luta de forças na sociedade para autoafirmação.

É preciso salientar que as forças possuem uma hierarquia entre si. Isso se dá praticamente pelo mando e pela obediência, ou seja, enfraquecida uma força no homem (no caso, a que vigora), surge uma nova força de comando, a qual redireciona a vida. Nessa perspectiva, quando elas estão organizadas hierarquicamente, o indivíduo sufoca, suprime a dinamicidade de tais forças, ao passo que, no outro extremo, quando as forças do indivíduo estão desorganizadas, ele torna-se submisso dos próprios anseios, faltando-lhe um sentido maior. A teoria de forças, entendida pela ascese, busca a “justa medida” na tensão, daí a importância do exercício ascético. Essa “justa medida” se dá na pessoa, ela é meio e fim em si mesma, ou seja, é o próprio campo de experiências que sofre e sente as próprias mudanças. Em termos simples, é como se existissem vários “eus” dentro de cada pessoa lutando entre si para se firmar. Com efeito, o asceta transcendente não tem consciência do poder, da energia que existe em si, pois recalca, sublima isso; ao passo que o asceta nietzscheano tem maior poder, pois toma consciência da força singular que possui. Nesse sentido, a ascese imanente equilibra essas forças e as direciona para a vida real do homem.

O terceiro e último capítulo, “Para uma ascese da afirmação”, é o mais longo da obra. Nesse tópico conclusivo, o autor tenta mostrar a proposta ascética nietzscheana e torna-se evidente a luta de Dionísio contra a metafísica clássica. Essa proposição consolida-se nos subtítulos, em que a maioria faz referência ao deus da mitologia grega, o que é ratificado no último subtítulo “Dionísio contra o Crucificado”. Assim, corrobora-se a teoria ascética de Nietzsche ao relacioná-la à filosofia dionisíaca; ou Nietzsche asceta é, acima de tudo, a valorização da vida, do amor, da alegria. É a caracterização do homem que optou pelo exercício constante de viver esta vida da forma mais saudável possível. Isso leva à construção do próprio modo de viver ao tornar-se o que se é e não um ideal que se almeja. O homem asceta em Nietzsche deve se autossuperar, ir além de si mesmo, “escrever com sangue”, isto é, o “filósofo do futuro”, como diz Nietzsche, é aquele que só pode falar daquilo que vivenciou e experimentou.

Enfim, Mauro Araujo de Sousa mostra um Nietzsche asceta que exalta a vida, que busca vivê-la intensamente, como ele mesmo afirma: “Nietzsche asceta está interessado em valores que forneçam condições para o *além-do-homem*” (p. 335, grifo do autor). E esse além-do-homem está assentado na vida real, na vida do dia a dia que busca viver o aqui, o real e o presente. Portanto, a grande e única inspiração provém de Dionísio, o afirmador desse tipo de vida, que é a única via conhecida. Em contrapartida, o Crucificado representa a castração dos instintos, a vida que é ou deve ser sacrificada em nome do além, ou seja, do “reino deste mundo” ao “Reino dos Céus”. Concluindo, o autor mostra a grande diferença entre os dois e vai assegurando, nas últimas páginas, que Dionísio é o afirmador desta vida e o Crucificado, o negador. Desse modo, torna-se explícita a sugestão ao leitor, que é conduzido, ao menos teoricamente, a seguir a filosofia nietzscheana em vez do Crucificado.

A proposta de *Nietzsche asceta* é justamente romper com esses valores construídos pela história do pensamento ocidental e valorizar o que realmente existe, o mundo vivo de fato. É claro que, para isso, Nietzsche entende que é preciso conhecer o homem, suas forças, seus instintos; daí surge a necessidade da ascese (em sentido positivo, imanente). A ascese, como exercício de autocontrole, autodomínio e disciplina, é a melhor das formas do homem se conhecer e viver de fato, valorizando seus sentimentos, enfim, vivendo com uma grande saúde.

Finalizamos este texto dizendo que a obra *Nietzsche asceta* retrata com fidelidade o pensamento nietzscheano, pois basta no primeiro momento

---

conferir as citações e referências utilizadas e a consequente busca por apoio nos principais críticos e comentadores do filósofo alemão. A grande riqueza e contribuição que essa obra traz aos leitores é a exploração com profundidade do tema proposto. Além de comprovar que Nietzsche é um asceta, o livro resenhado dá os direcionamentos para o seguimento, pois é possível dizer que tal obra caminha para essa finalidade. Além disso, o livro segue um rigor metodológico e científico, pois tanto os capítulos como os subtítulos estão bem distribuídos e isso facilita a leitura e a compreensão. Sendo assim, o texto pode ser lido e compreendido com certa facilidade, desde que o leitor tenha presente o escopo da obra, que é apresentado na introdução. No entanto, essa obra poderá ser lida, estudada e compreendida com maior eficácia pelos pesquisadores de Nietzsche, bem como pelos iniciados. É um livro recomendável aos professores e estudantes acadêmicos, que, além de usufruírem de um bom recurso didático, terão também boa noção do pensamento nietzscheano.

Recebido: 18/06/2010

*Received:* 06/18/2010

Aprovado: 25/06/2010

*Approved:* 06/25/2010